

BRUNO VIEIRA AMARAL

AS
PRIMEIRAS
COISAS

Caminhamos juntos pelos labirintos dos prédios.

Descobrimos que, afinal, pouco tínhamos para dizer um ao outro.

“Passaram-se o quê? Dez anos?”, perguntei-lhe.

“Mais. Foi no dia 26 de dezembro de 1999”, respondeu-me. Foi então que apontou para a cabine telefônica em frente à antiga Junta de Freguesia. “Foi ali. Ali mesmo. Lembras-te?” A minha memória falhou. Teria sido mesmo ali?

“Ali. No dia 26 de dezembro de 1999. Foi ali que me mataram.”

BRUNO VIEIRA AMARAL

AS
PRIMEIRAS
COISAS

TORDSILHAS

AS PRIMEIRAS COISAS

Copyright © 2026 TORDESILHAS.

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, Editora do Grupo Editorial Alta Books

Copyright © 2013 Bruno Vieira Amaral

ISBN: 978-65-5568-294-6

Translated from original As Primeiras Coisas © 2013 by Bruno Vieira Amaral. ISBN 9789897221217. First published in Portugal by Quetzal, 2013, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

869

1.ed. Amaral, Bruno Vieira ; As primeiras coisas -
1.ed. - Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2026.
224 p.; il.; 15,7 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5568-294-6

· Literatura portuguesa. 2. Ficção portuguesa. I.
Amaral, Bruno Vieira. II. Título. CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção portuguesa 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Louise Branquinho

Revisão: Cecília Madarás



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



SUMÁRIO

PRÓLOGO	8	JOÃOZINHO TREME-TREME.....	126
ADVERTÊNCIA AO LEITOR	41	JORGE LIBÂNIO	130
ABORTO	42	JUSTINO.....	131
ADALBERTO	45	LADRÕES.....	133
AMÉRICA.....	47	LITO, A HISTÓRIA COMPLETA.....	134
ANTÔNIO COMUNISTA	49	LUBÉLIA	140
BARBOSA	51	LÚCIA	141
BEATRIZ	52	LUZINIRA	142
BÊBADO	55	MACHADO	143
BETO.....	56	MADALENA (MODISTA).....	144
CARNAVAL.....	59	MANUEL MORAIS,	
CARTÕES.....	61	UM FANTASMA	145
CASAL FELIZ	63	OS MELHORES LUGARES PARA VOAR SOBRE O	
CELESTE	65	BAIRRO AMÉLIA	152
COPACABANA	68	METEOROLOGIA	153
CORDEIRO	70	MORENO	156
CREMILDE.....	71	MORTOS.....	162
DELGADO.....	73	DONA NAZARÉ.....	164
DENTISTA	75	NOMES	165
DIÓGENES	76	NÚCLEO TEATRAL DE	
DOMINGOS	79	BAIRRO AMÉLIA	167
O DOUTOR SANTOS	81	OLÍMPIO.....	170
ENGUÇOS (AZARES).....	83	PASTOR JOAQUIM	171
ERNESTO	85	PAULA (A MAIOR PUTA DO	
EVA	87	BAIRRO AMÉLIA).....	174
FACA	89	O PEDINTE	175
FERNANDO T.....	90	PRÉDIOS	176
FIALHO	92	PRIMEIRO-MINISTRO (O DIA EM QUE VISITOU	
FION.....	93	O BAIRRO).....	180
FLAVIANA.....	97	PULSEIRA	181
FREDERICO	98	QUIABO	182
FUNERÁRIA	100	ROBERTO	183
GARCIA	102	ROSA	185
GASTRONOMIA.....	104	RUTE	187
GRANDE PINTURA DE 1990	106	SEVERINO CUNHA.....	188
GUARDA	109	SONS — UM INVENTÁRIO.....	192
GUARDA-REDES (GOLEIRO)	110	TATUAGEM	194
HEAVY METAL	112	TEIXEIRA.....	195
O HOMEM	114	HORTÊNSIA	200
IDALÉCIO CRUZ	115	TORRES	204
IGREJA	116	A VIRGINAL VERA	207
ILDA	118	VIAGEM DE ÔNIBUS	209
ILUSIONISTA.....	119	VIRGÍLIO.....	213
ÍNDIRA.....	120	VÍTOR HIPÓLITO.....	215
INFERNO.....	121	VIÚVOS.....	217
JAIME LOPES	122	ZECA	218
JANUÁRIO GODINHO.....	124	ALGUMAS NOTAS	219
		EPÍLOGO.....	221

“A mim, a única coisa que me preocupa agora é recordar com todo o pormenor o que fiz amanhã e esquecer para sempre o que farei ontem.”

JUAN MARSÉ, O feitiço de Xangai

“Por toda Hiroshima, paredes e outras estruturas verticais preservaram as sombras de pessoas e objetos. Cada uma apontava na direção do clarão. A criação de tais imagens era similar à marca pálida deixada por um relógio de pulso depois de um dia de sol na praia.”

CHARLES PELLEGRINO, O último trem de Hiroshima

Para os meus filhos, Gabriel e Mariana.
Para a minha mulher, Susana.

Prólogo

QUANDO, EM FINAIS DOS ANOS NOVENTA, VOLTEI AO BAIRRO Amélia, com os seus varais de gente mórbida, a banda sonora incessante das suas misérias, nunca pensei que a vida me devolveria ao ponto de partida. Naquele dia final, enquanto olhava pela janela do carro, senti uma onda de orgulho a alastrar pelo meu peito, uma sensação de triunfo. Dava um belo *travelling*. Acredito que a rádio passava uma peça da Suite Bergamasque, embora não o possa jurar. A memória trai-me. A sorte dos que lá ficavam me era indiferente. Cresci com a ideia de que só os derrotados, os vagabundos e os infelizes não saíam de lá, pessoas que se confundiam com a paisagem, os candeeiros de globos partidos, as balizas ferrugentas do Arregaça, as paredes encardidas, os bancos lascados dos parques. Estes ensinamentos foram-me inoculados sem especial zelo pela minha família, transmitidos quase como um ruído de fundo que acaba por se integrar no nosso pensamento, o rumor que se ouve quando tudo está em silêncio. Saí para o mundo convicto da vitória e regressei, cabisbaixo, com o fardo do meu fracasso. Não importa detalhar o insucesso. Direi apenas que a queda não foi tão espetacular que me levasse a acreditar no destino, nem tão imperceptível que não me envergonhasse. Foi um fracasso ordinário e marcante. No final, nem sequer tive direito a uma depressão, à varanda de onde pudesse usufruir da contemplação pantanosa de uma vida cheia de estilhaços. Houve até um momento patético que, a esta distância, vejo como remate ilustrativo desses tempos não muito turbulentos. No dia em que saí de casa, pondo fim a uma vida em comum de oito anos, encontrei no caixote do lixo o exemplar de *Os versos do capitão*, de Pablo Neruda, que há muito tempo, apaixonado e previsível, oferecera a Sara. Não sei se ela o chegou a ler (num daqueles arroubos românticos que, em ocasiões anteriores, tinham me levado a recitar um soneto insidioso de Camilo Pessanha com o Tejo em fundo, é possível que eu lhe tenha lido um desses poemas, encostado às suas coxas nuas, beijando-lhe os seios, dois filhos gêmeos da gazela), mas, ainda que

não tenha sido assim, a visão daquele livro atirado para o lixo transportou-me para o interior de uma canção de Chico Buarque. Este acontecimento menor poupou-me a meses de psicólogos e ansiolíticos. Digam o que disserem, encontrar consolo na arte é um razoável substituto da religião.

A minha mãe acolheu-me com impecável sentido de responsabilidade e o sentimento da mal disfarçada incomodidade de quem recebe um presente que não aprecia ou de que não precisa. Resignou-se. Na altura, acusei-a intimamente por ter me recebido assim. Aproveito esta ocasião para corrigir esse erro. Convencemo-nos de que as mães católicas sofrem muito quando os filhos varões saem de casa e estão sempre desejosas de um regresso para o qual contribuem com pequenas artimanhas, censuras às noras e outras armas do arsenal da mãe latina. Mas a mãe portuguesa é capaz de grandes crueldades protestantes, de um desprendimento que, por ser inesperado e um tanto alheio à sua natureza, é de mais difícil digestão. No entanto, sei-o hoje, a minha mãe sofria com o revés na minha vida e não queria que o excesso de afagos a tornasse cúmplice moral da derrota.

Foi assim que me encontrei de regresso ao Bairro Amélia: desempregado, desamparado, um pouco órfão, de volta ao lugar feliz de umas férias longínquas para encontrar apenas o mesmo cenário físico¹ e nenhuma das razões imateriais da felicidade de outrora.² Os meus amigos já lá não estavam, as pessoas que eu amara tinham morrido, a idade não me permitia voltar aos lugares queridos — a escola primária, o parque, o campo de futebol, a varanda da minha casa fustigada pelo sol das três da tarde — sem sentir que o meu corpo era demasiado grande para o tamanho desses espaços na memória, que eu era demasiado novo para o conforto da nostalgia, demasiado velho para reviver sem culpa certas alegrias da infância. É verdade que voltara ao bairro várias vezes, para visitar a minha mãe, para o funeral de Fernando, para retornar à antiga sala de aulas onde escrevi uma composição imberbe dizendo que o amor não tem definição, e que, nesses breves regressos, era a mim próprio, e ao homem em que me tornara, e não ao lugar da minha infância, que eu contemplava, ingenuamente satisfeito com o meu trajeto.

1 Para quem vive sempre no mesmo lugar, as alterações são quase imperceptíveis e é como se nada tivesse mudado. Mesmo a construção de um edifício amplo, como o do Mercado, surge como um desenvolvimento orgânico. Para quem se afasta por um período mais ou menos longo, o regresso aumenta o grau de novidade dessas mudanças. Para mim, o Mercado aparecera do nada, repentinamente implantado na paisagem.

2 Dessa felicidade distante sobram escassos vestígios materiais: duas fotografias estivais, um carrinho Matchbox, um livro ilustrado, um pinheiro que servia de poste de baliza pequena e que adquirira uma dimensão admirável, mas desumana.

Regressar assim foi uma espécie de rendição, um cessar-fogo forçado. Uma história que sempre me fascinou foi a da derrota dos japoneses na Segunda Guerra Mundial, sobretudo a destruição de Hiroshima e Nagasaki. A origem do fascínio talvez resida na forma como tive conhecimento dela. Uma das nossas vizinhas, dona Ilda, distribuía com fervor a propaganda religiosa das Testemunhas de Jeová. Os nomes das publicações eram um tanto medievais: A Sentinela ou Desperta! Esta última abordava temas de interesse geral que só no fim eram submetidos à conveniente leitura religiosa. Foi numa dessas revistas que li pela primeira vez sobre o naufrágio do Titanic, a sida ou a bomba de Hiroshima.

Especializei-me em catástrofes. Aos 7 anos, sem saber, era um milenarista, deslumbrado pela ideia do fim do mundo. Relia as revistas. Emocionavam-me sempre. Era a cadência da narrativa do filme-catástrofe: o dia limpo, as crianças a caminho da escola, a partida do porto de Southampton no dia 10 de abril de 1912, o mar calmo, o clima festivo de sexualidade desenfreada, depois as primeiras nuvens no horizonte, os indícios da desgraça, o embate no iceberg, o clarão mortal, as primeiras vítimas da então chamada praga gay. Quando damos conta, estamos perante uma tragédia de proporções inimagináveis. Segue-se a investigação, as causas, Ground Zero, paciente zero. Demorava-me nos preâmbulos. Queria que a tensão permanecesse no ponto em que ainda era possível voltar atrás: as pequenas histórias dos passageiros do Titanic — a senhora que não quis abandonar o compartimento, a banda a tocar enquanto o navio se afundava —, dos homossexuais de São Francisco, da vida dos habitantes de Hiroshima na véspera da explosão — por exemplo, a do pai que haveria de lamentar para sempre o fato de não ter dado arroz ao filho na última refeição. Para mim, a história perdia o travo distintivo no início do parágrafo em que a tragédia se anunciava ou consumava. No final, chegavam as conclusões e os ensinamentos morais, acabamentos óbvios que me desagradavam. Tão centradas na ideia do fim, as religiões formam exércitos de seres humanos impressionáveis, sensíveis às imagens de catástrofes, às histórias de cataclismos.

Desenvolvi uma sensibilidade apocalíptica. Daí a obsessão pela derrota dos japoneses após a destruição de Hiroshima e Nagasaki. Comparo o efeito íntimo de determinadas derrotas pessoais ao que os japoneses, enquanto povo, teriam sentido quando viram o divino imperador juntar-se aos mortais e acenar a bandeira branca da capitulação. A analogia não é totalmente exata porque, se virmos bem, os olhares perscrutadores e rapaces dos outros, com a sua curiosidade um tanto malévola, são juízes mais severos do que qualquer tribunal internacional ou do que a própria justiça das nações. O que é para um homem a vergonha abstrata de um país quando comparada com a sua vergonha pessoal,

as dores silenciosas da sua humilhação? No grande plano da História, o sofrimento é sobrevalorizado pelo coletivo e diluído na multidão. No plano fechado do indivíduo, as angústias têm de ser digeridas a frio, na solidão, sem que ninguém nos possa valer.

Certa manhã, tempos após o meu regresso ao bairro, fui comprar pão, planejei beber café e comprar buchas e parafusos para instalar prateleiras no meu quarto, necessárias à acomodação de dezenas de livros e DVDs, únicos despojos que restavam da minha separação. Foi o primeiro confronto com aquele universo que, em parte, eu já não conhecia.

As crianças que passeavam na rua ainda não eram nascidas quando eu saí do bairro, algumas lojas tinham fechado, outras mudado de gerência, tinham asfaltado ruas e inaugurado um moderno e funcional mercado, quase todas as varandas tinham sido fechadas com marquises de alumínio. Reconheci pessoas, agora mais velhas, mais cansadas, que conhecia de vista, o que me proporcionou um certo conforto, como se aqueles rostos significassem uma permanência, uma ligação ao que eu tinha sido, e que, apesar disso, não pudessem me julgar porque não me conheciam ou não se lembravam de mim. Eram como estátuas, nomes de ruas, árvores, recordações permanentes de outro tempo. Fiquei agradecido por ainda existirem. Não lhes podia falar porque me encontrava num estado de encantamento — um sonâmbulo a vaguear pelas ruas do bairro, um ser fora do tempo e fora de si, usando roupas que já não lhe servem, usando uma pessoa que já não lhe serve.

Entrei num café que fora remodelado durante a minha ausência. Os antigos donos eram um casal de bichos tímidos que ficavam muito surpresos, à beira da indignação, sempre que algum cliente lhes pedia mais do que um café e um copo de água. Senti-me anônimo, quase invisível. O café estava clinicamente limpo, com todos os avisos legais de consumo e venda de bebidas alcoólicas expostos nos lugares adequados, múltiplas pastas com os registos de temperaturas e limpezas de acordo com o exigido pelas normas, as paredes pintadas de tons quentes, mesas e cadeiras a imitar mogno, móvel para o pão, uma iluminação simpática, amigável, enfim, tudo sem a graça antiquada dos velhos cafés do bairro. Agora era um “espaço” e, para piorar tudo, “moderno”. Uma tristeza. Não conhecia a garota que me atendeu, mas era como se tivéssemos nos cruzado há muito tempo ou, como dizem as pessoas que só leem revistas de trivialidades, como se a conhecesse de outra vida. Não quero introduzir uma nota sobrenatural. Tinha um rosto comum. Lembrava-me alguém. Só não sabia se era uma atriz de cinema ou de televisão, alguém que eu tinha conhecido na vida real ou

uma aparição num sonho. Essa incerteza era fonte de ânimo e de inquietação, porque, mais do que qualquer outra coisa, atemorizava-me a ideia de um passado comum e terrível. Simpática, os cabelos encaracolados e o sorriso espontâneo provocaram-me um estremecimento dos sentidos que atribuí à minha vulnerabilidade temporária, sazonal, como um adolescente que se impressiona com a beleza da garota que vem de fora e só por isso se torna apeteável. Saboreei o café, prolonguei o prazer, peguei no jornal.

Como é do conhecimento geral, no que diz respeito à aquisição de jornais, os cafés regem-se por um decreto imaginário que os obriga a disponibilizar aos clientes o *Correio da Manhã* e um jornal desportivo. Li algumas notícias sem interesse. A única que me chamou a atenção foi a breve na última página sobre mais uma vítima de acidente com tratores. Desta vez tinha sido em Penacova, distrito de Coimbra, onde por acaso eu tinha estado há muitos anos ou, pelo menos, tinha a impressão de lá ter estado.³ Um sexagenário ficara preso debaixo do veículo e, apesar de prontamente socorrido pelo INEM, dera entrada no Hospital de Coimbra já cadáver. Era um fenómeno a que eu começara a prestar atenção há pouco tempo, este dos acidentes mortais com tratores. Pelas minhas contas, nos últimos dois meses, era o oitavo ou nono do género relatado pelo jornal. Não o equivalente a uma guerra civil nas estradas, antes uma pequena insurreição armada nos campos. Nada perturbado por esta contabilidade tétrica, saí do café, na mão o saco com quatro bolinhas de água malcozidas.

Percorrendo as ruas, fui descobrindo coisas espantosas que lá ocorriam desde sempre, disfarçadas sob uma máscara tênue de normalidade: um viúvo que, depois de se aposentar, passava as tardes sentado no carro, a porta aberta, a perna esquerda fora, a direita dentro; um sujeito tão magro que se podia tomar por uma figura de cartão, ideia reforçada por andar de bicicleta e, sobretudo, por nela carregar o papelão que recolhia nas latas de lixo; a mulher que, com uma regularidade cronométrica, vinha à janela, olhava para um lado e para o outro, como se aguardasse há muito a chegada de alguém. Eram três exemplos de situações que — creio ser esta a melhor formulação — aconteciam desde

3 Na minha infância, era cruel para as pessoas que não conseguiam relatar com precisão acontecimentos, que discutiam o ano em que uma tragédia pessoal ocorrera. Via isso como um descuido inaceitável em relação à própria vida. Não foi preciso chegar a uma idade muito avançada para que as dúvidas comessem a me assaltar: datas, locais, pessoas, tudo se misturava na minha cabeça num lodo de confusão e esquecimento. Não sei mesmo dizer se alguma vez estive em Penacova, se foi algum amigo que passou férias em Penacova, se Penacova era a terra natal de uma das minhas vizinhas. O último censo diz que Penacova é uma vila do distrito de Coimbra, com 15.251 habitantes, mas não me esclarece sobre se alguma vez lá estive. São estes os limites da sociedade de informação.

sempre e pela primeira vez. Se olharmos para as coisas com alguma distância, retirando-as do contexto, deixando-nos contaminar pela estranheza, tudo, tudo mesmo, adquire uma aura macabra e repetitiva, singular, reconhecível, que se mistura com a substância dos sonhos, a matéria das mentes perturbadas. Penso sempre, não sei o porquê, que talvez a resposta esteja naquela revista antiga que não resistiu às traças: nos sobreviventes de Hiroshima, no clarão absoluto que os cegou, no mundo irreal em que foram condenados a viver a partir desse momento, no segundo em que uma luz fenomenal e terrível se acendeu, iluminando-lhes a vida de escuridão.⁴ Também nós deveríamos olhar para as coisas sob esse novo ângulo de luz, passando os dedos pelas arestas invisíveis, estabelecendo ligações musicais, sinfônicas entre, por exemplo, a perna esquerda do homem do carro e a frequência cardíaca da senhora que assoma à janela. Haverá em toda esta sequência aparentemente aleatória de acontecimentos não uma ordem metafísica, mas, sem dúvida, uma harmonia, um ritmo, uma canção, um segredo que não se ouve, que não se vê e, no entanto, existe. Os canteiros onde cresciam arbustos espinhosos mantinham um perene aspecto de desleixo e crescimento natural, como se a função dos trabalhadores da Câmara fosse apenas a de garantir que a natureza seguiu o seu curso sem interferência autárquica. Não era possível encaixá-los em qualquer ordem metafísica desconhecida.

Entrei na Drogaria Macondo.⁵ Fui atendido pelo senhor Neves. Apesar de me conhecer desde que eu era criança, não demonstrou qualquer familiaridade. Tinha o cabelo todo branco. Tremiam um pouco as mãos. Notava-se um esforço para distinguir as pessoas. Julguei-o senil. Confiei que não me reconheceria. Recitando o meu breviário de bricolagem, pedi parafusos e buchas de seis

4 Ler os testemunhos dos sobreviventes da explosão (chamados hibakusha) é um exercício fascinante: às 8h15 da manhã de 6 de agosto de 1945, segunda-feira de céu azul, aviões norte-americanos cruzaram os céus. As sirenes de aviso tocaram, mas poucos consideraram o perigo. Ouviu-se o silvo prolongado de um objeto em queda. Seguiram-se um clarão repentino (azulado, amarelado, as opiniões divergem), as ondas de choque, a onda de calor e a escuridão total. Alguns dos sobreviventes foram projetados para o ar. Outros sentiram o odor inconfundível da própria carne queimada. Quando recuperaram os sentidos, estavam rodeados de mortos e feridos com os rostos liquefeitos, cobertos de sangue. No rio boiavam centenas de cadáveres. Coincidem numa recordação posterior: o cheiro dos crematórios nos dias seguintes.

5 A origem do nome não é literária. Denuncia apenas a origem dos proprietários. O senhor Neves e a mulher tinham uma roça em África, na província do Moxico, mais precisamente nos arredores (força de expressão) da cidade de Macondo. No Bairro Amélia, havia também o bazar Malange, a frutaria Namibe e a papelaria Huambo, do senhor Aires. Cafés, havia O Nortinho, O Minhoto e O Alentejano, sendo que nada, exceto o nome, associava os cafés à terra natal dos seus proprietários.

milímetros. Enquanto o senhor Neves se dedicava a uma pesquisa demorada no interior da loja, observei aquele universo de quinquilharias, pequenos utensílios, componentes elétricos que, juntos, sem que eu pudesse evitá-lo, me traziam à memória períodos da minha infância, entre os 6 e os 9 anos: a caixa de ferramentas que o meu avô guardava no contador de água, uma gaveta do móvel da cozinha com parafusos e anilhas, tachas e tomadas, fios de ferros de passar e elásticos dentro de papéis ou uma arcaica gaiola para grilos. Entristeci ao pensar nas maçãs de cera e plástico na fruteira da cozinha, no cheiro dos guarda-chuvas arrumados a um canto do banheiro, nos três espelhos nas portas de um armário em que vislumbraava partes remotas da minha anatomia. Me senti perplexo, vago, estrangeiro. O senhor Neves regressou arrastando os pés. Embrulhou as peças numa folha de lista telefônica, fez as contas num bloco e, quando se preparava para me dar o troco, perguntou-me:

“Então agora estás aqui?” Como não respondi de imediato, continuou: “És o filho da Celeste, não és?”

Atrapalhado, respondi com excesso de solicitude para garantir que também eu o reconheceria, embora tenha de concluir que, dessa forma, me limitara a revelar a débil tentativa de não expor a minha identidade:

“Sim, sou eu, senhor Neves.”

A rapidez da resposta era a de um criminoso inexperiente apanhado em flagrante. Para agravar, tratei logo de confessar tudo, de explicar, sem que ele tivesse me perguntado, o que me trouxera de volta ao bairro, o despedimento, a separação, a inépcia para a vida prática. Por incompreensível pudor, não lhe falei sobre Ana Mendes, grande cabra, a responsável pela não renovação do contrato, pelo início da derrocada. Ana Mendes, grande cabra, não era o verdadeiro nome da mulher. Escolhi-o ao acaso e só depois me dei conta de que tivera uma colega na escola secundária com o mesmo nome. Tanto quanto me lembro, tinha uma boa relação com ela, o que significa que nunca fomos além da conversa de circunstância. Ter escolhido este nome incomoda-me. Devo ter alimentado um sentimento negativo e subterrâneo contra a inocente garota, um desejo oculto de a violentar — de que me envergonho. Porém, devo falar sobre Ana Mendes, grande cabra, puta dum cabrão, viciada em trabalho, comprimidos para alergias e águas minerais com sabores, símbolo vivo da eficiência louvada por patrões, apresentada aos funcionários como modelo único de comportamento, estátua ambulante do sacrifício da vida pessoal, sagração de inexistência de vida para além dos relatórios de Excel, gráficos de vendas, estoques e faturas, monumento à infertilidade. Há momentos em que somos obrigados a conviver com pessoas de natureza tão distinta da nossa que bastam cinco minutos de contato para percebermos que, cedo ou tarde,

os diques que sustentam a hostilidade latente acabarão por ceder, e quanto mais pressão pusermos sobre eles, maior será a catástrofe. A questão que nos colocamos é a de saber se o ideal é passar de imediato para a fase de conflito declarado ou aguardar diplomaticamente que, como dizem alguns entendidos nas matérias, as coisas sigam ao seu ritmo, na vã esperança de que uma relação franca e honesta, ainda que difícil, seja possível. A diplomacia, sabe quem já esteve na guerra, é um exercício de grande violência interior. No caso da minha relação com Ana Mendes, grande cabra, era notório que, de parte a parte, o esforço maior era aplicado na desesperante tarefa de não nos insultarmos. Talvez Ana Mendes, grande cabra, se esforçasse mais por estar habituada a destratar gerentes, a humilhá-los com toda a panóplia de injúrias profissionais de que fazia uso com especial arte e de ter em mim não um rival à altura (éramos, de fato, muito diferentes, eu do gênero contemplativo, capaz de fazer uma pausa e ir para os fundos do edifício observar as vacas ordeiras que pastavam num campo próximo, ela do gênero hiperativo, muito magra, as veias salientes, a condução agressiva — só metia a segunda quando ia nos quarenta), mas um ser de uma espécie diferente com a qual ela ainda não encontrara a forma ideal de comunicar. Enquanto não ganhava margem para me insultar, como fazia com todos os outros gerentes, jogava sobre mim o seu desprezo.

Uma das estratégias mais comuns de Ana Mendes, grande cabra, era a de se dirigir aos funcionários que dependiam de mim (os que ela, acintosamente, quando estávamos a sós, chamava de “teus subordinados”), para os questionar sobre assuntos da minha responsabilidade. Fazia-o à minha frente, ostensiva e provocadora, minando com satisfação a minha autoridade. Estes conceitos de responsabilidade, autoridade, liderança, só por necessidade e dever profissional, tinham sido incluídos no meu dia a dia. De manhã, quando me levantava, educava-me ao espelho, recordando a mim mesmo a importância de não dar demasiada confiança aos “meus subordinados”, de manter uma distância razoável intercalando-a com momentos de proximidade ritual, deixando, a espaços, que eles suspeitassem do meu lado humano que, segundo o que alguns deles mais tarde me disseram, era tão evidente que a pouca autoridade que eu possuía não vinha de outra coisa que não dessa transparência que eu julgava opaca. Resumindo: sem querer, eu até manifestava algumas características de líder que eram apagadas sempre que me esforçava por exibir um comportamento no nível das minhas funções.

Ana Mendes, grande cabra, era um prodígio de instinto e cedo farejou as minhas fraquezas. Subira a pulso (não há expressão mais exata para caracterizar a ascensão profissional e social de Ana Mendes, grande cabra, que aliás fazia questão de o repetir nos raros momentos de autocomplacência) num mundo